

A EXPRESSÃO DO *SONHO* NA OBRA POÉTICA DE EMILIANO PERNETA

THE EXPRESSION OF DREAMS IN EMILIANO PERNETA'S POETIC WORK

Nelson Luís RAMOS¹

RESUMO: O presente trabalho, centrado na obra de Emiliano Pernetá, tem por objetivo estabelecer e interpretar o campo temático do “sonho” na sua poesia a partir de um levantamento do vocabulário de seu discurso poético. O campo temático do “sonho” mostrou-se bastante promissor para o estudo do autor paranaense, um dos grandes representantes do movimento literário simbolista no Brasil. O “sonho”, em Emiliano Pernetá, apresenta-se com características positivas, claras, vibrantes, reforçando as marcas próprias de sua poesia.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura brasileira; simbolismo; lexicologia; campo temático; Emiliano Pernetá.

ABSTRACT: The aim of this study, based on the work of Emiliano Pernetá (Brazilian writer), is to establish and interpret the thematic field of “dreams” in the poetry of this writer, beginning with a research of the vocabulary in his poetic discourse. The thematic field of “dreams” has shown to be very fertile for the study of this author, who is one of the most renowned writers of Symbolism. The thematic field

¹ Departamento de Letras Modernas, IBILCE, UNESP, 15054000, São José do Rio Preto, SP, Brasil, e-mail: nlrmos@ibilce.unesp.br

of “dreams”, in Emiliano Pernetá’s writing, is marked with the presence of positive, light and vibrant characteristics.

KEYWORDS: Brazilian literature; Symbolism; lexicology; thematic field; Emiliano Pernetá.

O Poeta e o Sonho

Emiliano Pernetá (1866-1921) é reconhecido como uma das mais importantes expressões do Simbolismo brasileiro: o Simbolismo abrange boa parte de sua obra, apresentando-se, no seu estilo personalíssimo, muitas vezes numa visão de certa forma pagã do mundo que o rodeia – com um reaproveitamento dos mitos gregos bastante particular e inovador –, e com um toque muito evidente de idealismo. O conjunto de sua poesia, que serviu de base para esse trabalho, compreende as obras *Músicas* (1888), *Ilusão* (1911), *Pena de Talião* (1914) e *Setembro* (1934, póstuma).

O “sonho” aparece em vários momentos da literatura ocidental, vindo a ser um dos pontos chave de determinadas manifestações artísticas, como é o caso do Simbolismo e do Surrealismo.² Para a estética simbolista, o ideal repousa no “sentido do mistério”, que reina em nós e ao nosso redor e que é a própria essência da realidade. Desta forma, a poesia não poderia ser descritiva, já que para alcançar a essência das coisas, além das aparências, ela usará o símbolo, tornando-se sugestiva, fluida, musical. A poesia se ligará a uma filosofia do desconhecido e do subconsciente: cada poeta expressará, portanto, na sua obra o seu próprio “sonho”.

Da mesma forma, cada poeta procurou criar sua paisagem de “sonho” interior, com suas próprias imagens, já que tudo, até mesmo os objetos mais humildes, contém símbolos em potencial, como mostrara Mallarmé. Para os artistas simbolistas, a imersão no oceano do “sonho” resultava de uma concepção luminosa e total da beleza como espelho da vida. Eles acreditavam poder viver dentro do seu “sonho”, dentro da sua poesia, ou seja, nos seus momentos contemplativos.

² Não podemos deixar de notar que até mesmo no Romantismo ele já se encontrava bastante presente, tendo influenciado grandemente a escola simbolista que viria se manifestar um pouco mais tarde.

Seguindo na esteira do tema explicitado, com relação a Emiliano, já havíamos delimitado os principais campos temáticos de sua obra poética.³ Assim, percebêramos que um dos mais fortes e fecundos era o do “sonho”, como se pode ver a seguir:⁴

O Sonho: sonho (85, 21º), noite (76, 27º), *ideal* (64, 42º), dormir (47, 63º), loucura (36, 85º), sono (36, 86º), vinho (36, 87º), sombra (34, 93º), *esquisito* (33, 94º), *louco* (33, 95º), ilusão (32, 97º), *pálido* (32, 100º), esperança (28, 117º), lua (28, 119º), glória (26, 139º), gozo (26, 140º), paixão (26, 142º), *infinito* (26, 145º), destino (25, 151º), silêncio (25, 154º), beber (25, 155º), luar (24, 161º), *vago* (24, 163º), desejar (24, 164º), esperar (24, 165º), sonhar (24, 168º), acordar (23, 175º), delírio (22, 178º), febre (20, 195º), *sombrio* (20, 200º), voar (20, 206º), *cego* (17, 241º), gozar (16, 268º), ideal (15, 277º), *perdido* (15, 285º), poeta (13, 324º), *febril* (12,), iludir (12, 361º), quimera (11, 384º), volúpia (11, 386º), embriagar (11, 403º), encanto (10, 412º), mistério (10, 418º), *voluptuoso* (10, 435º).

Andrade Muricy, no seu Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro, nos brinda com um glossário dos termos mais empregados pelos simbolistas. Nesta lista ele fala do “sonho” como “vida imaginativa ou de contemplação; evasão ao cotidiano; ânsia de uma superação poética da vida. [Ordinariamente com maiúscula.]” (1973, p.246), confirmando outras definições que encontramos, por exemplo, em dicionários de língua geral.

Continuando em nossas reflexões, sabemos que o grande meio da arte é a sugestão, oferecer às pessoas a lembrança de algo que nunca viram, e aqui novamente entra Mallarmé (*apud* Michaud,

³ Para tanto, baseamo-nos principalmente em A. CAMLONG e sua *Méthode d'analyse lexicale textuelle et discursive*, bem como em G. MATORÉ com *La méthode en lexicologie: domaine français*, citados nas Referências deste trabalho.

⁴ Os números entre parêntese indicam, em primeiro lugar, a freqüência de cada vocábulo (substantivo, adjetivo ou verbo), quer dizer, o número de ocorrências deste vocábulo no *corpus* estudado, e, em seguida, a classificação em relação à lista final dos mesmos, obtida por freqüência decrescente do número de ocorrências.

1951, p.09): “nomear um objeto é suprimir três quartos do gozo do poema, que é feito da felicidade de adivinhar pouco a pouco; sugerilo, eis o sonho”.⁵

Ora, “sonho” pode significar devaneio e o poeta estar sonhando acordado; também pode se referir ao ideal, e ser algo cerebrino; da mesma forma, pode se relacionar à visão (sonho visionário), com uma forte carga de misticismo; igualmente pode se identificar com o sono (o sonhar dormindo), ser onírico; finalmente, pode ser induzido, como um delírio, sendo o sonho doentio, pleno de embriaguez.

O poeta aqui estudado segue pelo caminho do “sonho” de acordo com concepções deste que ora se aproximam e se confundem, e a influência da estética simbolista se faz mais presente, ora se afastam, mercê de suas expectativas próprias, de suas angústias mais gritantes, de suas necessidades mais prementes, a fim de compor o seu próprio universo poético, identificando-se como expressão única e exclusiva – a nota universal e humana nunca deixando, aqui e ali, de estar presente.

Assim, o “sonho” aparece em Emiliano em suas variadas formas e expressões, podendo significar “ilusão”, “devaneio”, “visão”, “imaginação”, “quimera”, “delírio”, dentre outros, que, no caso deste trabalho, serão abordadas a partir do vocabulário constituinte do campo temático já explicitado.

Em *Ilusão*, já no seu “Prólogo”, Emiliano deixa evidente sua concepção de vida e de beleza, a sua doutrina explicitada; o poeta abre sua principal obra afirmando que⁶

É o impossível, pois, que eu amo unicamente,
A névoa que fugiu, a forma evanescente,
A sombra que se foi tal qual uma visão...

⁵ “nommer un objet c’est supprimer les trois quarts de la jouissance du poème qui est faite du bonheur de deviner peu à peu; le suggérer, voilà le rêve.”

⁶ Utilizaremos, a partir de agora, para as citações dos poemas de Emiliano Pernet, os anos de publicação das edições de suas obras com as quais trabalhamos, 1945 para *Músicas* e 1966 para *Ilusão*, *Setembro* e *Pena de Talião*.

E por isso também, por isso é que eu suponho
Que a vida, em suma, é um grande e extravagante
Sonho,⁷
E a Beleza não é mais do que uma Ilusão! (1966, p.31)

O “sonho” e a beleza com suas maiúsculas individuadoras e alegorizantes adquirem uma significação absoluta, transcendente, na busca do inefável e do indizível. No exemplo anterior e no próximo:

E foge para a *luz*, e voa para o *sonho*... (1966, p.257)

o poeta, através do desejo de fugir para a luz, ou de voar para o “sonho”, representa a passagem para a morte, numa refulgência própria de sua poesia. Ora, a vida também é vista como um “sonho”, uma quimera, uma fantasia, fazendo-nos recordar uma outra constante da poesia de Emiliano: o ideal, cuja relação com o “sonho” é evidente.

Da mesma forma, o amor é “sonho”:

Não creias nesse olhar luminoso e risonho:
Não ames, que o amor não é mais do que um *sonho*.
(1966:134)

O “sonho” também é refúgio, lugar ideal, preferível à realidade:

⁷ A partir de agora passaremos a destacar em itálico – mas apenas nos exemplos citados – todos os termos relacionados a “sonho” a fim de dar realce aos componentes do campo temático em questão, bem como facilitar (chamando a atenção) a localização dos mesmos dentro do contexto em que estão inseridos. Lembramos que já havíamos utilizado o itálico para representar os adjetivos que levantamos e que vieram a fazer parte das listas de frequências, como também da constituição dos campos temáticos. Todavia, por necessidade de destacar os componentes do campo temático objeto deste capítulo, não tivemos outra escolha senão a de citá-los em itálico – a melhor forma, ao nosso ver –, convenção que passa a vigorar a partir desta página.

Oh! para que sair do fundo deste *sonho*,
Que o destino me deu, e que a Vida me fez,
Se eu quando, a meu pesar, casualmente, ponho
Fora os pés, a tremer, volvo, ansiado, outra vez. (1966:63)

És o retiro, a paz, o *sonho*, e esse caminho,
Que eu sempre quis,
O caminho *ideal*, por onde eu vou, sozinho
E triste, mas feliz. (1966, p.70)

Na arte de poetar, o “sonho” é simbolizado naquele “moço”,
“fazedor de castelos no ar”, de “Punição do Herege” (*Ilusão*):

Ele, sempre febril, mas de aspecto risonho,
No mármore do verso ia gravando o *sonho*...
Mas com tal limpidez e com uma graça tal
Como um raio de sol que ferisse um cristal. (1966, p.24)

Os traços luminosos de seu verso tornam o mármore em vidro. Ora, o “sonho”, aliado ao desejo de fuga, mesclado a uma sensualidade tão comum a Pernetá, ressurgue como a possibilidade – graças à chegada da luz, no caso o sol, – de transcender a este mundo, na voz de um pássaro:

– Tenho ânsias de subir, tenho a cabeça em fogo.
Hoje vou conhecer, pela primeira vez,
A voluptuosidade, a febre, a embriaguez
De voar, de voar, ó *sonho*, que me abrasas! (1966, p.154)

Percebe-se, deste modo, que o termo “sonho” é palavra-chave para uma das vertentes da poesia de Pernetá. Devemos ressaltar que o sonho deve ser entendido como ideal a ser atingido, o que é tão bem expresso no trecho (já citado) em que o poeta “foge para a luz, e voa para o ‘sonho’...” (1966, p.257). E já que nos referimos ao “ideal”, não podemos nos esquecer que esse direcionamento da poesia de Emiliano, também aliado ao “sonho”, está bastante

presente em toda a sua produção literária, como vislumbramos a seguir (trechos retirados de *Ilusão*):

Largos céus *ideais*, região diamantina, (1966, p.31)
A púrpura *ideal* com que te cobrirei; (1966, p.35)
Ó rumor *ideal*! Ó ilusão secreta! (1966, p.36)
Dos abismos do mal, a Mão *ideal* e branca, (1966, p.37)
Bela, sonora, *ideal*, como a Vênus de Milo... (1966, p.41)
Não sabe nada; mas ó candidez *ideal*, (1966, p.44)
Somente envolta em véus *ideais*, (1966, p.68)
Andava, não sei, tão cheio
De torturas *ideais*... (1966, p.86)
Para que logo exclame: é a hora,
É a hora *ideal*, que floresceu! (1966, p.103)
Dentro desse horizonte,
Sem uma linha *ideal*, (1966, p.118)

E poderíamos enumerar muitos outros exemplos mais, tal é a presença deste qualificativo principalmente nos versos de *Ilusão* e de *Pena de Talião*, e em menor escala – mas não menos importante – em *Setembro*. Presença quase inexistente em *Músicas* (onde só registramos duas ocorrências), o que não é de admirar, uma vez que esta última, obra de iniciação, tem cores predominantemente parnasianas, e, portanto, não se encontra inserida no universo preconizado pela doutrina a que aderiu Emiliano posteriormente a sua publicação e na qual desenvolveu a maior parte de sua obra poética.

Vale observar neste ponto o modo como os conceitos veiculados pela palavra “ideal” operam dentro do campo temático do “sonho”. “Ideal” (substantivo) é mobilizado como um objetivo, uma meta a ser atingida, um ponto de chegada, como se pode ver nos exemplos abaixo:

Mas nessa *noite* de procela,
Lá corre trêmula uma vela
Num mar de sangue¹ – É o meu *Ideal*! (1966, p.47)

Minha tulipa, meu *ideal*, minha ilusão, (1966, p.77)

Sempre tive comigo esse belo *ideal*: (1966, p.178)

Homem forte, homem são, homem rude e diverso
Dos outros, vem mostrar que tu tens *ideais*; (1966, p.224)

Rei que amava o perfume, a vida heróica e rude,
A púrpura, o *ideal*, a força, a juventude,

O *delírio* do luxo, a flor das coisas fátuas,
O *vinho* e a mulher, os poemas e as estátuas, (1966,
p.244-5)

Já como adjetivo, “ideal” (ver exemplos na página anterior, nesta e na seguinte) é empregado num sentido que corresponde, muitas vezes, a “perfeito”; neste caso, o adjetivo acaba tendo como função elevar a um ponto máximo a significação do substantivo ao qual está ligado, beirando o platonismo.

Em *Pena de Talião*, Céfalo não mede palavras para referir-se a Prócris, sua amada, e, quase sempre, os elogios vêm acompanhados do adjetivo “ideal”, como se pode ver:

Nesta curva *ideal*, de uma fina escultura,
Vou prender esta liga... (1966, p.194)

Tu, cuja linha *ideal*, desde a cabeça aos pés,
É a pura perfeição... (1966, p.196)

É o “ideal” que impulsiona o ser, que o faz seguir no caminho da busca de algo mais, de algo melhor:

E cegueira *ideal* e vã de quem se esconde,
E loucura de quem fugiu d’uma prisão,
E doido, sem saber de nada, nem para onde,
A correr, a correr atrás d’uma ilusão! (1966, p.105-7)

Elas metidas em locubrações tamanhas,
Dia e *noite* a tecer como duas aranhas.
Teciam com amor, com singeleza e com
Arte, o linho *ideal*, o linho puro e bom. (1966, p.123-4)

Retomando o “sonho”, notamos que na maior parte das vezes em que “sonho” está em posição de rima, também está o adjetivo “risonho”- reforçando o sentido positivo e eufórico -, o que já ocorria no primeiro livro, *Músicas*.

E com relação a *Músicas*, já se vê, logo no início, o “sonho” de Emiliano presente, prenunciando o que estaria por vir, uma vez que esta primeira obra do poeta paranaense traz bem fortes as marcas da estética parnasiana, mas já se vê desenhar-se a musa simbolista, através do “sonho” tão caro ao movimento; aqui, o “sonho” é luminoso, o que reforça a idéia de que a poesia de Pernetá é plena de luz, de vida:

E vejo-te... ó meu *sonho* radioso!
Vejo-te e sinto dentro, em cada fibra,
De primavera um hálito odoroso...

E róseo *sonho* me deleita e morde.
Ouvindo o amor, que como um arco vibra
Fundo em meu peito um voluptuoso acorde! (1945,
p.122)

Ao mesmo tempo aparece a marca de sensualidade típica do paranaense, corroborada pela mistura de sensações, através das sinestésias presentes, tão fortes em Emiliano. Mas o “sonho”, seja ele em uma visão negativa ou positiva, eufórica ou disfórica, já prenuncia uma das grandes vertentes de sua obra, ora apresentando-se como ideal a ser alcançado, ora como um mundo imaginário, maravilhoso, onde tudo seria possível:

Como eras bela e como eu te amava, criança,
Iludido a *sonhar* na mais doce esperança! (1945, p.132)

Eu queria viver escondido ao teu lado,
A *sonhar*, a *sonhar* tristíssimo e pisado... (1945, p.133)

Sempre o teu ser dulcíssimo me agrada,
E eu verei sempre descerrada a porta
Dos vagos *sonhos* de felicidade!... (1945, p.134)

Sejam teus *sonhos*, *sonhos* cor de rosa! (1945, p.136)

Alimenta-te pois dessa lembrança,
Sonha, *sonhando*, subirás à estrela
Mais alta da ventura que se alcança... (1945, p.137)

Com que volúpia aspiro – esta lembrança!
Do teu vago perfil com que ternura
Recordo os traços, pálida criança,
Amada, *sonho*, doce formosura! (1945, p.137)

A mágoa mesmo tem uma harmonia,
Um encanto tão íntimo e tão terno,
Que se difunde na melancolia
Vaga, de *sonho*, como o próprio inverno. (1945, p.144)

Note-se o emprego do vocábulo “vago”, tão caro a Emiliano e aos simbolistas. Estes últimos versos já se aparentam muito àqueles que compõem *Ilusão*, sua obra mais simbolista. Por vezes, o poeta transborda em sentimentalismo, denotando certa presença romântica:

Vês-me rindo ou chorando, em *sonho* ou pranto,
Crê, se eu à mágoa e ao riso me condeno
Contraditório, é por amar-te tanto! (1945, p.145)

Viste ainda há pouco o cândido e risonho
Céu por aquela sã filosofia,
Mas tudo aquilo não é mais que um *sonho*!

Tudo aquilo tão belo como é vão!
O Bem nos enche de melancolia,
O Bem, o *sonho*, que desolação! (1945, p.148)

Aqui Emiliano se aproxima bastante da escola simbolista, ao aproximar o “sonho” da música – também a primeira obra de Emiliano, ainda muito parnasiana, leva o nome de *Músicas* –, e que aparecerá em muitos outros versos, como se vê a seguir:

É quando injusta a cólera me morde,
E o desprezo sarcástico, que eu sinto
Sonhos e sonhos do mais puro acorde.
(1945, p.149)

O “sonho” simbolista, de “vapor”, “estranho e vago”, “de loucuras”, já se encontra forte e insistentemente evidente nesta obra:

E eu quando a infância trêmulo seguia,
Quando meus olhos pela primavera
Punha, *sonhando*, como é que eu não via,

Como não enxergava este medonho
Charco? D’onde é que eu venho e quem eu era,
Cego, envolvido no vapor do *sonho*?! (1945, p.150)

Que seja a vida de caudais torrentes,
De loucuras e *sonhos* – descoberto
Plaino, onde batam corações frementes,
Ou precipícios, sem caminho certo. (1945, p.154)

E a ti te encontro morno e derramado
Luar, caindo como um triste afago
Por sobre a solidão e o descampado,
Num murmúrio de *sonho*, estranho e vago...
(1945, p.154)

O ideal também já se encontra traçado, revitalizado pela luz do dia, pelos odores, pelos sons, em uma atmosfera envolvente, numa sinfonia:

Chama-me o dia fora: “Oh! vem, desperta,
Como eu perfume! quanto *sonho* trago!

A tua infância sonora, aberta,
Trago-a comigo, em cânticos a alago... (1945, p.157)

A referência feita sobre a fuga para a luz também já se evidencia em *Músicas*:

E a natureza assim disposta aos *sonhos*,
Voa em busca de amor, amor procura,
Ó delicados dias tão risonhos!
Ó passageira, ó límpida ventura! (1945, p.172)

Veja-se a sinestesia – que vai se acentuar nas próximas obras de Emiliano –, no último verso:

E de cansada dorme essa alma escrava:
E *sonha* o céu aberto e delicioso
Numa fonte, que o peito lhe banhava
Como um luar suavíssimo e cheiroso! (1945, p.175)

Já em *Ilusão*, a esperança não morre, não se desvanece, como vemos em “Quando um poeta nasceu...” (primeiro exemplo) e em outras passagens da mesma obra:

Chegam os anos e vêm os cabelos brancos...
Todavia, ele só, em pé sobre a montanha,
Inda *sonha*, inda crê, inda deseja e espera!... (1966, p.37)

Ei-lo de volta enfim ao seu eremitério,
– Batel que se perdeu um dia pelo mar –
Ei-lo sem o fulgor daquele *sonho* etéreo,
Que já teve na voz, que já teve no olhar... (1966, p.39)

Mas que esperar enfim? Mais lindo do que um *sonho*
Tudo que é teu reluz, magnífico, risonho,
Com palmas, com florões, com Torres de Marfim...
(1966, p.42)

Não há como embarcar. É d'um furor tamanho,
É d'um *delírio* tal que, embora nunca mais
Se tenha de voltar – como um punhal d'antanho,
A esperança reluz, apenas embarcais... (1966, p.105-7)

Muitas vezes também é manifesta a marca decadente:

Sonho que me faz mal, tortura onde me iludo,
Cruel inquietação, ânsia que não tem fim,
Ó *delírio* de ver palácios com escudo,
Reinos antigos com torreões de marfim! (1966, p.42)

Mas a marca positiva, otimista, da poesia de Perneta aparece aqui, na continuidade da vida que se manifesta:

Posto que já esse frescor, e esse
Brilho com que uma vez me seduziste,
Não fuljam tanto, a primavera existe,
E inda canta, e inda *sonha*, e inda floresce... (1966, p.43)

O poeta reafirma a sua visão da vida, que é feita de esperança e de “sonhos”, em meio à desilusão e às dificuldades do dia-a-dia:

É de esperança, eu sei que o homem vive,
E é de *quimera* e *sonhos* imortais,
Mas, se o que desejei, eu não obtive,
Que outra fortuna posso querer mais? (1966, p.63)

Dentro desse inseto rude dos paus,
Houve como um *sonho* de amplidões azuis...
(...)
No meio dos *sonhos* e da primavera,
O inverno chega, ruge e dilacera...
(...)
Que importava a ela que, triste ou risonho,
Tudo quanto via fosse apenas *sonho*?
(...)
No meio das ondas furiosas do mar,
Felizes aqueles que andam a *sonhar*!

Esse aroma doce, que a deixava langue,
Custava-lhe a vida, custava-lhe o sangue,

Custava-lhe tudo que tinha afinal;
Mas que *sonho* lindo, que paixão ideal! (1966, p.108-11)

A forte luminosidade do sol é intensificada pela força das imagens, representadas por uma ave de canto mavioso, uma das mais belas flores, a soberana de uma nação:

Tudo feneceria, como a estrela,
À luz forte, hiperbólica do sol,
Como fenece uma rainha bela,
Um *sonho* bom, um lírio, um rouxinol. (1966, p.114)

Os trechos a seguir reforçam aquela idéia de otimismo, de imagens positivas em que o “sonho” se manifesta, banhado naquela luz (o luar, a noite clara) comum em Pernetá, pois no poeta parananaense a marca construtiva, confiante, otimista é sempre a referência:

Dentro daquela *noite* assim tão erma,
D’aquela *noite* doce de luar,
A velhice esqueceu de que era velha,
A enfermidade de que estava enferma,
E todos com o ar de quem se ajoelha,
Iam como a sorrir e a *sonhar*...

Era uma *glória*, um lírio, o encantamento,
A embriaguez, o gozo, a essência rara,
Cada vez mais formoso o firmamento,
A *noite*, a *noite* cada vez mais clara...

Era o milagre e o *sonho* entrelaçados,
Como se fossem rosas, como palma:
Erguiam-se do leito os entrevados,
Os cegos viam com os olhos d’alma...
(...)

O mundo quase que a rolar de podre,
O mundo todo cheio de piolhos,
Transbordando de vinho como um odre,
Coberto de gafeira até os olhos,

Levado pelos ventos da esperança
Aos serros ínvios e aos alcantis,
Tinha sorrisos leves de criança,
Exaltações, e *sonhos* infantis...
(...)
No meio das estradas infinitas,
Dentro d'aquela manto azul infindo,
De umas nervosidades esquisitas,
Ia como num *sonho*, ia sorrindo... (1966, p.120-1)

No exemplo seguinte, o céu é visto como algo belo, sob um aspecto extremamente positivo, mas ele existe como complemento da vida, que é “sonho”, e não um fim para aqueles que conhecem a morte, sinônima do pesadelo. O poeta cantava a vida sob todos seus diversos aspectos, a morte não lhe parecendo a saída para os sofrimentos deste mundo:

Alçando o olhar, erguendo as mãos, erguendo a voz,
Ele fala do céu, triunfalmente belo,
Lembra que a vida é um *sonho*, e a morte um pesadelo;
(1966, p.127)

No “sonho” é colocado tudo o que está além das explicações, tudo o que não pode ser completamente descrito ou delineado, o que está em conformidade com o que pregava o Simbolismo – “descrever nunca, sugerir sempre, eis o ‘sonho’” –:

Os olhos de que cor? Não sei. Porém suponho
Que seriam assim tão grandes como um *sonho*...
Mas já passei a vida, e não a pude ver!
(1966, p.131)

Deixava-me no ouvido aquela trova
Não sei que *sonho* doido de embriaguez:

Era como se alguém me abrisse a cova,
E enterrasse-me vivo de uma vez... (1966, p.136)

Ó Aminto, tu és um *sonhador* imenso!

Não há nada melhor do que *sonhar*. Eu penso
Que hei de morrer assim. E seria um castigo
Cair nessa nudez da realidade, amigo. (1966, p.168)

As imagens em que o “sonho” se refere a algo positivo, idealizado, que produz perfeito bem-estar, alegria intensa, são por demais abundantes em Emiliano, suplantando aquelas em que a tônica contrária também se manifesta:

Minha imaginação era um anseio vago,
Fugindo para além do espelho azul do lago,

Do campo, da floresta e do vale risonho,
Indo perder-se, enfim, no oceano do *sonho*...

Sonhei. Pude *sonhar*. Não há nada no mundo
Que seja para mim de um gozo mais profundo.

Pude *sonhar* ao pé dos altos eucaliptos
Os *sonhos* que mais amo, os *sonhos* infinitos. (1966,
p.221-3)

Rouba-lhe os pomos d’ouro: a *glória* é para todos
Que têm o gênio, a força, o *sonho*, a embriaguez... (1966,
p.225)

Imaginei, por fim, viver no seio,
Lá no teu grande seio, natureza,
Alheio a tudo, inteiramente alheio,
Todo entregue ao meu *sonho* de beleza. (1966, p.226)

É a chegada da primavera, como no livro *Setembro* bem como no longo poema de mesmo nome, e com ela o recomeço, a renovação da vida:

Tudo era uma canção; tudo reverdecia:
A folha, a vinha, a seara, a graça, a fantasia.

Nas árvores, no ar, por toda a imensa altura,
Ó que ruído! ó que *delírio!* ó que *loucura!*

E que bom de fugir sem saber como, a esmo,
Por esse campo em flor, a sós, comigo mesmo.
(...)

E tudo mais sincero, essa flor que se admira,
Essa água que se *bebe*, esse ar, que se respira... (1966,
p.221-3)

É o que se vê neste trecho de Emiliano, com o primaveril mês de outubro, luminoso e alegre, ou no próximo, em que aborda o outono:

Nesse doirado mês de outubro, o mês risonho;
E ela passava assim como se fosse um *sonho*. (1966,
p.149)

Outono lindo, lindo... Ao longo dos caminhos,
Como sempre, eles dois, velhinhos, bem velhinhos,
Inda mais uma vez olham essa paisagem,
Que, por assim dizer, é a sua própria imagem,
Terna como eles e com seus reflexos *vagos*
De ternura a tremer por sobre a flor dos lagos... (1966,
p.98)

Em Emiliano também há decepção, pois se há “sonho”, desejo, também há a não realização disso tudo, o malogro de uma esperança:

Sob o teu beijo, alvas cantigas,
Manto de fulvos areais,
Dormem leoas, paixões antigas,
E amáveis monstros sensuais.

Dorme também, ó sol d’Estio,
Como um ébrio, meu Coração,

Ébrio de estrada, monstro frio,
Gelado pela Decepção! (1966:65-6)

D. Juan, mas porque foi um sedutor, de resto
Não deixou de curtir a Decepção cruel,
Pois sempre que *sonhou*, enlevado num gesto,
Sorver o amor, assim como um favo de mel,

Não sei, não sei que flor, com ódio manifesto,
Angélica, porém, com alma de Ariel,
Quando ele ia beber, inquieto, quase honesto,
Deitava-lhe no copo o veneno e o fel. (1966:74)

O artista, um incompreendido, nem sempre bem visto e que leva
uma vida dura, é muitas vezes perseguido por ser diferente:

A *noite* em claro, o mundo inóspito, e dessa arte
Urdem contra a Beleza as coisas mais abjetas...
Reina o Pesar, mas como um Rei, por toda parte;
E ordena Herodes que degolem os *poetas*... (1966, p.35)

As damas, bem como um cavalo,
Sobre esse coração d'abril,
Passaram, quase sem olhá-lo,
Nem abraçá-lo, *poeta* sutil. (1966, p.127-31)

Venha para viver esta vida inquieta,
A vida de um artista, a vida de um *poeta*.

Sim, venha para ter um destino, meu filho,
Um destino sem *glória*, um destino sem brilho.

E sorver, pouco a pouco, a taça de cicuta,
E bater-se e lutar, porque a vida é uma luta,

E é no meio febril de ódios, que se consomem,
De batalhas brutais, que um homem se faz homem.
(1966, p.238-41)

E como Salomão, magnífico e profundo,
Cuja pompa de sol foi a maior do mundo,

Rei que amava o perfume, a vida heróica e rude,
A púrpura, o *ideal*, a força, a juventude,

O *delírio* do luxo, a flor das coisas fátuas,
O *vinho* e a mulher, os poemas e as estátuas,

E era, como em geral é todo fino artista
Um grande sensual e um grande pessimista, (1966,
p.244-5)

O “sonho” também pode ser delírio, febre, loucura, de embriaguez,
doentio, e no caso de Emiliano, típico dele, vem mesclado, muitas
vezes, de sensualismo:

Fluido *Sonho* à lua, *vago* céu desnudo,
Sombra que perfumas como o benjoim...
Teu passo ressoa por sobre o veludo,
Quando tu caminhas, Lira de marfim. (1966, p.66)

Carnes, alvor de luz da manhã, que irradia,
Olhos, inundações furiosas de embriaguez,
Tranças revoltas como uma *noite* de orgia. (1966, p.75)

E ela a passar aqui, dentro do seu corpete,
Tão leve, tão sensual, no seu andar coquete,
A subir, a descer de tal modo, Senhor,
Que a mim me pareceu, mas sem tirar nem por,
Essas que andam de lá p’ra cá, coquetemente,
À *noite*, nos jardins, a seduzir a gente... (1966, p.79)

Vem, Salomão gentil, vem, ó meu rei amado,
Toda a *noite* passei velando, não dormi
Um instante sequer, de anseio e de cuidado...
Tenho fome de ti, tenho sede de ti! (1966, p.80)

A dama foge, não *deseja* que eu avance...
Meu *desejo*, porém, é um gamo. De relance,
Vendo-a, corre a querer sugar-lhe o claro mel...
(1966, p.73)

Sonho que me faz mal, tortura onde me *iludo*,
Cruel inquietação, ânsia que não tem fim,
Ó *delírio* de ver palácios com escudo,
Reinos antigos com torreões de marfim! (1966, p.42-3)

Mas se a morte há de chegar, que venha quando a luz já não ilumine, posto que, em Emiliano, luz é vida, e ainda há a possibilidade de lutar fortalecido pela derradeira energia:

Há de ser ao cair do sol. Erecto,
Tal como sou, rudíssimo de aspecto,
Mas tão humilde, e teu, e se te apraz,

Eu te verei entrar, suave *sono*,
Nesses veludos pálidos de Outono,
Ó Beatitude! Angelitude! Paz! (1966, p.230)

Em Emiliano o amor foi provado, foi sentido, foi vivido, e com ele o toque, o beijo, a carne, restando como que a lembrança da experiência:

Nos róseos lábios da mulher, que se ama,
No seu contacto de veludo e arminho,
Há mais *embriaguez* e há maior chama
Do que em todos os ciatos de *vinho*...

Como dois faunos *ébrios* e *aloucados*,
Atirai-vos atrás dessas *quimeras*,
Dessas *doidas volúpias*, enramados
Das rosas e dos mirtos e das heras... (1966, p.177)

É aqui onde o paganismo de Perna mais se faz presente, na sua necessidade de concretude, de visualização, de sensação viva, palpável, em meio a sinestésias, sons, luzes, aromas:

Mês de indolências, mês de *sonhos* e desejos
E *delírios* pagãos de abraços e de beijos,
(1966, p.238-41)

Sonho que me faz mal, tortura onde me iludo,
Cruel inquietação, ânsia que não tem fim,
Ó *delírio* de ver palácios com escudo,
Reinos antigos com torreões de marfim! (1966, p.42-3)

A floresta:

– Que *delírio* brutal! Quando me mordes tu
A carne toda em flor, o seio todo nu,
Com teus beijos de fogo, eu como a flor do nardo
Recendo de prazer, e de luxúrias ardo...

A floresta:

– Tu me beijas, ó sol, tão loucamente, espera,
Que eu em pleno fulgor *ideal* de primavera,
Debaixo desse fogo ardente de teus beijos,
Em *delírios* de amor e amplexos de desejos,
Arrebentando em flor, completamente louca,
Ofereço-te o seio, ofereço-te a boca! (1966, p.154-8)

– Tenho ânsias de subir, tenho a cabeça em fogo.
Hoje vou conhecer, pela primeira vez,
A *voluptuosidade*, a *febre*, a *embriaguez*
De *voar*, de *voar*, ó *sonho*, que me *abrasas*!
(1966, p.154-8)

Quando tu me falas, falam os aromas,
Ó boca de lírio, prateado *lunar*!
Com palavras de ouro, com aromas domas
Ondas mais revoltas que as ondas do mar. (1966, p.66-7)

Já mais ao final, o que se percebe em Emiliano é uma trajetória que o leva ao apaziguamento, à dominação das paixões, ao amadurecimento:

Hei de esquecer-te, coração querido,
Como de resto tenho-me esquecido

De tanto *sonho* bom, por esse mundo,
De tanto *sonho* que dormiu no fundo,

Bem lá no fundo virgem do meu ser,
Sem que o pudesse mais tornar a ver: (1966, p.140)

Ó que frêmito bom, que beijo, e que alvoroço,
E que *sonho* ideal, e que róseos matizes!
Não há nada melhor do que ser belo e moço... (1966,
p.141)

Que sobre eles, assim como uma auréola em brasas
Possa resplandecer o *sonho* de tal modo
Que nem toquem sequer com os pés sobre o lodo;
Por isso que *sonhar* é o mesmo que ter asas...
(...)

E transpondo esse mar, que breme e ruga e espelha
Julguem sempre, a sorrir, que tudo é um *sonho* vago,
E que esse mar não é senão um doce lago,
De ondulações azuis e bom como uma ovelha.
(...)

Que eles possam achar quase aos oitenta anos,
Envelhecidos, mas com o lábio risonho,
Que a existência lhes foi mais breve do que um *sonho*,
Tais as venturas e tão grandes os enganos... (1966, p.142-
4)

Que, ao despedir-se, pois, mesmo apesar de tudo,
De ser um cavaleiro e não ter tido escudo,

De ser um viajor que andou sempre sozinho,
Um pobre viajor, *perdido* no caminho,

A galope, a correr atrás de uma esperança,
De uma sombra, que foge, e que nunca se alcança,

– O seu último adeus, o adeus de despedida,
Seja abençoando o amor, seja abençoando a vida! (1966,
p.38-41)

Como pudemos comprovar, Emiliano tinha uma visão do “sonho” centrada na tentativa de fugir para um lugar ideal, sair deste mundo concreto, buscando uma superação poética da vida. Desta forma, Emiliano foge para o “sonho”, para a luz, não morre. De Emiliano,

para quem o verso não tinha segredos, pode-se dizer que soube, sedento de luz e de vitalidade, evoluir poeticamente, comprovado em suas obras, nunca abrindo mão do ideal e do “sonho”.

Assim, enquanto componente da estética simbolista, o “sonho” encontrou terreno fértil nos poetas da escola. É o que fez Emiliano: a seu modo, manipulou os dados com os quais trabalhava de acordo com o seu próprio talento. O “sonho”, marca genuinamente simbolista, em que os poetas acreditavam poder viver dentro de sua poesia, nos seus momentos contemplativos, se apresenta em Emiliano sempre pleno de uma luz típica de sua poesia, ligada a aspectos positivos, claros e dinâmicos, diferente do que se vê nos simbolistas em geral, cujas paisagens escuras e situações mórbidas são freqüentes.

Essas constatações só reforçam nossa crença de que é próprio do Simbolismo tornar possível todos os tipos de manifestações, diferentemente das doutrinas precedentes, oferecendo as condições para que cada poeta pudesse se desenvolver à sua maneira, segundo seu próprio talento – como atesta Emiliano Pernetta –, dando ao Simbolismo sua expressão plural. O Simbolismo abriu as portas para o Surrealismo, que foi muito além do que aquele em suas reivindicações. O Surrealismo não inventava, mas descobria um mundo, o mundo do “sonho”, melhor do que fizera o próprio Simbolismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMLONG, A. **Méthode d'analyse lexicale textuelle et discursive**. Toulouse: Ophrys, 1996.

MATORÉ, G. **La méthode en lexicologie: domaine français**. Paris: Marcel Didier, 1953.

MICHAUD, G. **Message poétique du symbolisme**. Paris: Nizet, 1951. 3v.

MURICY, A. **Panorama do movimento simbolista brasileiro**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional / INL, 1973. 3v.

PERNETA, E. D. **Ilusão e outros poemas**. Organizado por Tasso da Silveira. Rio de Janeiro: GRD, 1966.

—. **Poesias completas**. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1945. 2v. (Grandes Poetas do Brasil)